

AS IMAGENS DE VESTIR DO SANTUÁRIO DA SANTA CRUZ DO MONTE SANTO, BAHIA, E SUA DRAMATURGIA SACRA

Jadilson Pimentel dos Santos¹

RESUMO

A vila do Monte Santo, fundada no século XVIII pelo missionário capuchinho Apolônio de Todi, foi transformada em cidade mística, devido à grande montanha com seu Santuário da Santa Cruz, seus Passos, Dores e relíquias, e principalmente pelo seu conjunto de imagens de vestir. Estas últimas foram responsáveis, em grande parte, pela propagação, manutenção e consolidação do catolicismo popular em um dos rincões mais áridos do Nordeste da Bahia. O conjunto dessas imagens: Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Soledade, São João Evangelista e o Cristo Morto, representa, principalmente, na Semana Santa, a apoteose da fé, além de evocar as reminiscências de um barroco caboclo recheado de hibridismos e contaminações populares. Esse conjunto de imagens tornou-se tão importante na divulgação da fé católica, que a vila, há mais de dois séculos, atrai romeiros de diversas partes do Brasil, sendo, as imagens, a “menina dos olhos” dos romeiros e da comunidade local. T tamanha relação fez com que essas obras também despertassem a fúria iconoclasta de alguns segmentos da população local, fazendo com que duas delas fossem quase que totalmente arrasadas, no ano de 2003. Tal fato provocou indignação popular e fez circular matérias jornalísticas em veículos de comunicação do país que afirmavam que elas haviam passado incólumes pela Guerra de Canudos, pelos ataques da Coluna Prestes nos anos 20, pelas correrias do bando do Lampião uma década após, mas não resistiriam aos conflitos do século XXI. Baseado em fotografias, documentos de cronistas, cartas e dissertações, este trabalho intenta analisar as imagens de vestir do Monte Santo de modo a revelar e divulgar esse patrimônio artístico-religioso que se encontra cada vez mais ameaçado, bem como esquecido de estudos mais aprofundados, pois este é um tema imprescindível para recontar a memória religiosa dos monte-santenses, bem como de suas romarias que já foram tão importantes para esse povoamento que tem sua história inscrita no antigo processo de ocupação do solo brasileiro.

Palavras-chave: Escultura religiosa. Santuário da Santa Cruz do Monte Santo. Imagens de vestir.

THE IMAGES OF DRESSING OF THE SANCTUARY OF THE MONTE SANTO, BAHIA, AND ITS SACRED DRAMATURGY

151

ABSTRACT

The village of Monte Santo, founded in the 18th century by the Capuchin missionary Apolline of Todi, was transformed into a mystical city due to the great mountain with its Shrine of the Holy Cross, its Passos, res and relics, and mainly for its set of dress up images. The latter were largely responsible for the propagation, maintenance and consolidation of popular Catholicism in one of the driest corners of Northeast Bahia. The set of these images: “Senhor dos Passos” (Steps Lord), Nossa “Senhora das Dores” (Our Lady of Sorrows), “Nossa Senhora da Soledade” (Our Lady of Solemnity), “São João Evangelista” (St John the Evangelist) and the “Cristo Morto” (Dead Christ), represents, mainly, in Holy Week, the apotheosis of faith, in addition to evoking the reminiscences of a baroque mestizo filled with hybridism and popular contaminations. This set of images became so important in the dissemination of the Catholic faith, that the village, for more than two centuries, attracts Romeiros from various parts of Brazil, being, the images, the “apple of the eye” of the pilgrims and the community. Such a relationship caused these works also to arouse the iconoclastic fury of some segments of the population, making two of them almost totally devastated, in the year 2003. Such a fact provoked popular outrage and circulated news on the country’s media outlets that claimed they had been through the War of Canudos, the Attacks of the Prestes Column in the 1920s, the attacks of the Lampião’s gang a decade later, but would not resist the conflicts of the 21st century. Based on photographs, documents by chroniclers, letters and dissertations, this work tries to analyze the images of dressing Monte Santo in order to reveal and disseminate this artistic and religious patrimony of the Brazil.

Keywords: Religious sculpture. Santuário da Santa Cruz do Monte Santo. Images of dressing.

LAS IMÁGENES DE VESTIR DEL SANTUARIO DE LA SANTA CRUZ DEL MONTE SANTO, BAHIA, Y SU DRAMATURGIA SACRA

¹ Doutor em Teoria da Arte pela Universidade Estadual de Campinas e Mestre em História da Arte pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. E-mail: pimenteljadilson@gmail.com

RESUMEN

La villa del Monte Santo, fundada en el siglo VXIII por el misionero capuchino Apolonio de Todi, fue transformada en ciudad mística, debido a la gran montaña con su Santuario de la Santa Cruz, sus Pasos, Dolores y reliquias, y sobre todo por su conjunto de imágenes de vestir. Estas últimas fueron responsables en gran parte de la propagación, mantenimiento y consolidación del catolicismo popular en uno de los rincones más áridos del Noreste de Bahía. El conjunto de estas imágenes: Señor de los Pasos, Nuestra Señora de las Penas, Nuestra Señora de la Soledad, San Juan Evangelista y el Cristo Muerto, representa, principalmente, en la Semana Santa, la apoteosis de la fe, además de evocar las reminiscencias de un barroco caboclo lleno de hibridismos y contaminaciones populares. Este conjunto de imágenes se ha vuelto tan importante en la difusión de la fe católica, que la villa, desde hace más de dos siglos, atrae a romeiros de diversas partes de Brasil, siendo las imágenes la “niña de los ojos” de los peregrinos y de la comunidad local. Tal relación hizo que estas obras también despertaran la furia iconoclasta de algunos segmentos de la población local, provocando que dos de ellas fueran casi totalmente arrasadas, en el año 2003. Tal hecho provocó indignación popular e hizo circular materias periodísticas en vehículos de comunicación del país que afirmaban que ellas habían pasado indemnes por la Guerra de Canudos, por los ataques de la Columna Prestes en los años 20, por las correrías de la pandilla de Lampião una década después, pero no resistirían los conflictos del siglo XXI. Basado en fotografías, documentos de cronistas, cartas y disertaciones, este trabajo intenta analizar las imágenes de vestir del Monte Santo para revelar y divulgar ese patrimonio artístico y religioso que se encuentra cada vez más amenazado, así como olvidado de estudios más profundos, pues éste es un tema imprescindible para recontar la memoria religiosa de los montesantenses, así como de sus romerías que ya fueron tan importantes para ese pueblo que tiene su historia inscrita en el antiguo proceso de ocupación del suelo brasileño.

Palabras clave: Escultura religiosa. Santuario de la Santa Cruz del Monte Santo. Imágenes de vestir.

INTRODUÇÃO

Das ontológicas viagens que fiz, por ocasião da pesquisa de mestrado, pelos rincões mais remotos dos sertões da Bahia, uma ficou indubitavelmente marcada: a incursão ao Monte Santo na Semana Santa de 2010. A subida ao monte na madrugada da Sexta-Feira da Paixão foi um dos momentos mais impactantes da viagem. Ali, em cada estação, um mundo com seus sons, cheiros e cores se sobressaltava. O povo que ali afluía, como um arco-íris em movimento, num fervilhar de desce e sobe pelos meandros da montanha, trazia consigo, várias tonalidades de um cristianismo das origens, mesclado por aspectos de sincretismo religioso. Quem se deparava com essas cenas filmicas era tomado por encantamentos e traduzia tudo aquilo em cores, ritmos, canções (ladainhas), em velas, em ex-votos de madeira, cera, tecido e cerâmica, em coisas vivas, em fotografias.

152

O Monte Santo, assim como o Belo Monte (Canudos) é uma construção romeira do qual Apolônio de Todi e o Conselheiro são o instrumento do povo. Eles aprendem também com seus prosélitos, havendo aí, uma troca, um aprendizado de mão dupla. Nesse sentido, o beato e o frei são arquétipos do profeta, do grande pai, de Javé, e suas palavras e profecias são as necessidades do povo postas na boca desses líderes.

Há, na atmosfera do Monte Santo, uma sensação de cidade congelada no tempo-espaço. Por estar situado no sertão de Canudos, distante do litoral, o progresso chegou ali a passos lentos, o que não impediu de aniquilar algumas de suas obras seculares. Somando-se a isso, existe, ainda, a negligência no tocante a preservação e restauração dos seus bens materiais e imateriais.

O MONTE SANTO DO FREI APOLÔNIO DE TODI

A história do Monte Santo remonta aos idos de 1782. Tem como seu principal fundador o frei capuchinho italiano, Apolônio de Todi. Após sua chegada à cidade do Salvador, foi ele exerce, por ordem do novo Arcebispo da Bahia, Dom Frei Antônio Correia, sua ação missioneira no sertão.

Segundo Pedreira e Rocha (1983, p.6) mesmo já tendo feito missões em Jeremoabo e Massacará, frei Apolônio foi convidado por Francisco da Costa Torres, um dos arrendatários de terras da Casa da Torre, para ali fazer missão. Todavia, tendo lá chegado e não encontrando água que desse para abastecer os missionários, o frei preferiu, para realizar seus objetivos, o lugar sítio, no sopé da serra do Piquaraçá, nas terras da fazenda Soledade, no qual estava a capela de Nossa Senhora da Conceição, e onde existia uma nascente de água boa e cristalina. Assim, chegando ao local, o frei ficara confuso com a impressão que o local lhe causara. Pareceu-lhe que o lugar era predestinado, porque muito se parecia com o Calvário de Jerusalém. Tratou, imediatamente, de armar latada para pregar aos fiéis, pois a falta de religiosos naquelas paragens era uma constante, sendo que um vigário vinha somente à região de cinco em cinco anos realizar os rituais cristãos.

Calasans (1997, p.73) assevera que, inspirado pelo ambiente, o frei imaginou logo em ornar o lugar de passos de Nossa Senhora das Dores e Passos de Nosso Senhor. A área aproveitada media quase uma légua e, para esse trabalho, contou logo surgiram mestres carapinas e pedreiros, solícitos no atendimento do plano do frei. Ao término da Santa

Missão no dia de Todos os Santos, o frade organizou uma procissão para subir a serra e foi colocando cruzes de madeira no caminho, seguindo o modo e a distância como determinam os Sumos Pontífices. Logo surgiram mestres carapinas e pedreiros, solícitos no atendimento do plano do frei.

Confome o autor, no meio da jornada, um violento furacão apagou as lanternas dos penitentes, obrigando-os, também, a se abaixarem, principalmente as mulheres que, separadas dos homens, vinham atrás com suas velas entoando cânticos e ladainhas. O frade ordenou que nada temessem, mas que invocassem Nosso Senhor do Amparo, cuja imagem conduziam. Feito o sinal da cruz, os fortes vento cessaram, e os penitentes, sempre rezando, terminaram o expediente e retornaram ao ponto em que se erguera a latada. O Frei Apolônio fez então o sermão de conclusão da penitência, exortando aquele povo espiritualmente abandonado a visitar sempre, nos próximos anos, especialmente nos dias santos, as santas cruzes. Por fim, recomendou o frei, que ninguém chamasse mais aquele local de serra Piquaraçá. Inicia-se, dessa forma, a era de Monte Santo repleta de milagres.

Apareceram na extensão das cruzes, arco íris de cinco cores: azul, amarelo, branco, roxo e vermelho. As gentes das redondezas passaram a frequentar as santas cruzes e os doentes ficavam bons dos seus males quando beijavam a cruz do Calvário. Espalhou-se a notícia dos milagres. De longe, também vinham cegos, aleijados, conduzidos em redes. E todos ficaram bons. Apolônio sentiu que se tornava necessária a sua presença em Monte Santo, para a ampliação da obra, que iniciara. Tudo se tornou “fácil e breve”, no dizer do frade, porque o povo lhe prestou o auxílio necessário. Os passos foram fechados como capelinhas e se ergueu a igreja bem no alto daquele monte. Também apareceram painéis para os passos. O povoamento do pé da serra cresceu. Em 1790 estava criada a freguesia e irmandade dos Santos Passos, do qual foi primeiro vigário encomendado o padre Antonio Pires de Carvalho. Elevaram-na a vila em 21 de março de 1821. (CALASANS, 1997, p.74).

Depois de algum tempo após terminada a missão e ter partido para a Mirandela, o frei, ao saber dos fatos miraculosos, regressou ao Monte Santo e iniciou ua nova tarefa: a feitura de uma igreja no alto do monte, fechando os passos, e também uma nova igreja para substituir a antiga capelinha de Nossa Senhora da Conceição ainda existente, porém em ruína. Tal capelinha localizava-se no sopé da montanha (Figura 1).

Figura 1- Santuário da Santa Cruz Monte Santo.



Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2019.

O Frei Apolônio de Todí, em suas andanças pelos sertões, além da obra missionária que articulava, também, foi um edificador de obras religiosas, bem como um restaurador de: igrejas, capelas, cruzeiros, santuários, dentre outras. É sabido que ele andou missionando em comunidades do sertão da Bahia tais como: Mirandela, Massacará, Monte Santo, Tucano, etc., o qual teria, certamente, levantado obras no ajuntamento das Santas Missões.

O Santuário da Santa Cruz do Monte Santo, no alto da antiga serra Piquaraça, dista da primeira capela, no início do caminho das conhecidas romarias, 1.969 metros. No percurso, além da capela que coroa o cume da serra, são vistas mais 24 capelas menores contornando a montanha, e que se erguem imponentes para além da cidade. Nessas capelas, existiam painéis com as cenas dos passos mandados pintar por Apolônio de Todí. Tais painéis desapareceram quase que por completo, restando apenas pequenos fragmentos de pintura e talha em algumas delas.

As capelas construídas em pedra e cal, nos locais das primitivas cruces foram dedicadas às almas, às Sete Dores de Nossa Senhora e as lembranças dos sofrimentos de Cristo na sua caminhada para o monte Calvário, em Jerusalém. O espaço entre cada capela é de cerca de duzentos metros, e a peregrinação é feita a partir da Rua dos Santos Passos

E fez-se o templo prodigioso, monumento erguido pela natureza e pela fé, mais alto que as mais altas catedrais da Terra. A população sertaneja completou a empresa do missionário. Hoje quem sobe a extensa via-sacra de três quilômetros de comprimento, em que se erigem, a espaços, 25 capelas de alvenaria, encerrando painéis dos “passos”, avalia a constância e a tenacidade do esforço despendido. Amparada por muros capeados; calçada em certos trechos; tendo, noutros, como leito, a rocha viva talhada em degraus, ou rampeada, aquela estrada branca, de quartzolito, onde ressoam, há cem anos, as litanias das procissões da quaresma e têm passado legiões de penitentes, é um prodígio de engenharia rude e audaciosa. Começa investindo com a montanha, segundo a normal de máximo declive, em rampa de cerca de vinte graus. Na quarta ou quinta capelinha inflete à esquerda e progride menos íngreme. Adiante, a partir da capela maior — ermida interessantíssima ereta num ressalto da pedra a cavaleiro do abismo —, volta à direita, diminuindo de declive até a linha de cumeadas. Segue por esta segundo uma selada breve. Depois se alteia, de improviso, retilínea, em ladeira forte, arremetendo com o vértice pontiagudo do monte, até o Calvário no alto! A medida que ascende, ofegante, estacionando nos “passos”, o observador depara perspectivas que seguem num crescendo de grandezas soberanas: primeiro, os planos das chapadas e tabuleiros, esbatidos embaixo em planícies vastas; depois, as serranias remotas, agrupadas, longe, em todos os quadrantes; e, atingindo o alto, o olhar a cavaleiro das serras — o espaço indefinido, a emoção estranha de altura imensa, realçada pelo aspecto da pequena vila, embaixo, mal percebida na confusão caótica dos telhados. E quando, pela Semana Santa, convergem ali as famílias da redondeza e passam os crentes pelos mesmos flancos em que vaguearam outrora, inquietos de ambição, os aventureiros ambiciosos, vê-se que Apolônio de Todí, mais hábil que o Muribeca, decifrou o segredo das grandes letras de pedra descobrindo o el-dorado maravilhoso, a mina opulentíssima oculta no deserto [...] (CUNHA, 2002, p. 64).

154

A obra que Euclides chama de grandiosa e ao mesmo tempo tosca, encontra sua gênese de formação na influência do estilo Barroco, um barroco contaminado pelo hibridismo da arte popular local. No que concerne ao Santuário da Santa Cruz do Monte Santo, presencia-se, também, uma tendência à hibridização, pois as influências mais eruditas trazidas pelos missionários mesclavam-se à arte local, de apego mais popular.

Na capela da Santa Cruz, que está assentada no topo da montanha, destaca-se o altar-mor (Figura 2). Executado em madeira, apresenta em seu repertório visual elementos de influência barroca e rococó mais populares. Nele avulta-se o uso de motivos fitomórficos, volutas em S, curvas e contra curvas, etc. Vêm-se aí, três nichos centrais onde ficam guardadas as imagens de

Figura 2 - Altar-mor da capela da Santa Cruz do Monte Santo.



Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos.2019.

vestir, que são mostradas durante a Semana Santa. A fachada da Capela da Santa Cruz foi totalmente desfigurada, perdendo-se, dessa forma, a sua originalidade. É, sobretudo, nas partes laterais e no fundo da capela que ainda podemos observar em menor escala a presença do barroco do Frei Apolônio de Todi. Nela evidencia-se o uso de volutas com espiral longa e as várias divisões das águas dos telhados, possibilitando ao edifício um maior dinamismo.

Cem anos após a sua construção, encontrar-se-ia no Monte Santo, outro religioso possuidor de grande fé e devoção: Antônio Conselheiro. Sua estada, embora rápida, é o suficiente para reconstruir as capelas que estavam arruinadas e erguer as paredes de arrimo que contornam a parte mais íngreme da montanha. Assim, o Sacromonte ganhou as feições que se conservam ainda hoje, tornando-se um dos mais visitados daqueles confins, e cuja paisagem foi muito comentada por cronistas do século XIX e XX.

Em Monte Santo, na paz dos campos, a serenidade reina, o verde capim brota e a calma desce do monte. A descrição de Euclides da Cunha, a sua apologia ao calvário sertanejo do Frei Apolônio de Todi, prepararam o ambiente para o meu impacto emocional, que ocorreu exatamente, sem nenhuma decepção. Monte Santo correspondeu plenamente ao que esperava. É o lugar mais bonito destes “sertões largados de Deus e dos homens”. O belo da natureza se juntou ao toque da mão do homem, toque discreto e secular, daqueles que ignoram certo tipo descaracterizador da civilização, fazendo questão de não perder a alma. A estrada de rodagem passa sem lhe modificar a rusticidade poética, a linha tranquila do seu casario colorido. Monte Santo é um largo pátio de grama verde, que sustenta nos ombros o peso de uma montanha sagrada, lugar de antiga data e de grande devoção. A cidade vive toda presa ao espinhaço desta montanha. Euclides da Cunha a chamou de “lugar lendário” descrevendo a Piquaraçá dos roteiros caprichosos” com uma geografia e espantosa exatidão. A serra, tornada monumento nacional da fé e religiosidade pela transfiguração jesuítica de Apolônio de Todi, “o maior apóstolo do Norte” é um desses desafios da natureza. Sua via-sacra possui três quilômetros de comprimento. Ida e volta é uma légua de fé e altura com direito à contemplação das vinte e cinco capelas, com os rústicos painéis dos passos. “Prodígio de engenharia rude e caprichosa”, por ela tem desfilado milhares de penitentes dos sertões, nos dias santificados da Quaresma. No topo do rude calvário sertanejo, ergue-se grande Capela da Santa Cruz, com seus ex-votos, promessas e milagres de milhares de aflitos, dos rebentados das estradas do Nordeste. E à medida que o expectador a galga, vai descobrindo as belezas todas da região, perspectivas inesquecíveis, grandezas soberanas, com chapadas e tabuleiros, esbatidos em baixo em planícies vastas; depois, as serranias remotas, agrupadas, longe, em todos os quadrantes”. Embaixo, o casario colorido parece um brinquedo de criança. Não foi à toa que sua paisagem cativou o grande Euclides [...]. (DANTAS, 2012, p. 181 e 182).

AS IMAGENS DE VESTIR DO SANTUÁRIO DA SANTA CRUZ

155

Há em Monte Santo, especificamente no seu Santuário da Santa Cruz, um conjunto de cinco imagens de Vestir: Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Soledade, São João Evangelista e o Cristo Morto (Figura 03). Tal conjunto faz parte das narrativas do um catolicismo caboclo e sertanejo. Estão alocados nas três maiores capelas que compõem o cenário da Via Crucis do santuário.

Segundo assevera Carvalho (2003, p.18) a produção temporal dessas imagens, sobretudo as atingidas pelo vandalismo, pode ser do século XIX, já que foram citadas em documentos (Atas da Igreja Matriz, de 1825). Conforme o autor, também, é provável que sejam mais antigas, uma vez que existem referências de um Cristo e de uma Nossa Senhora das Dores, num documento de 1799.

Na primeira década do século XXI, as imagens de vestir do Santuário da Santa Cruz do Monte Santo foram violentamente atacadas por vândalos ou iconoclastas² (Figuras: 4, 5). Inúmeros veículos de comunicação do país informaram acerca desse episódio. A Folha de São Paulo, de 13 de setembro de 2003 dizia-nos:

As imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, esculpidas em madeira, em tamanho natural, foram arrancadas de suas capelas, trancadas a cadeado e queimadas. Sobraram as cabeças das duas imagens. Segundo o jornal, as imagens datadas do início do século XIX, do Calvário do Monte Santo, no sertão da Bahia, passaram incólumes pela Guerra de Canudos (1896 – 1897), pelos ataques da Coluna Prestes nos anos 20, pelas correrias do bando de Lampião uma década após, mas não resistiram aos conflitos do século XXI. Sobraram as cabeças das duas imagens, e do Cristo, um pouco mais do braço direito e o tronco chamuscado (CARVALHO, 2003, p.18)

Esse fato causou indignação nas gentes do município que, com efeito, articularam procissões em forma de protesto com que sobrou das imagens, de modo a enfatizar a revolta dos fiéis ao tempo em que reforçavam sua fé (Figura 06).

De acordo com os restauradores que para Monte Santo se dirigiram, por ocasião desses atentados, o fato que mais os impressionou foi a violência conta a face do Cristo: houve afundamento da região nasal, e o olhos de vidros, feitos em Portugal, foram esmagados com objetos do tipo marreta ou martelo. Segundo o apurado pelos técnicos de restauro do Iphan, sobraram apenas 30% da imagem de Nossa Senhora das Dores e 50 % do Senhor dos Passos.

² Iconoclasta é o nome dado ao membro do movimento de contestação à veneração de ícones religiosos, que surgiu no século VIII, denominado iconoclastia. O termo iconoclastia significa literalmente ‘quebrador de imagem’ e tem origem no grego eikon (‘ícone’ ou ‘imagem’) e klastein (‘quebrar’) (Cf. SIGNIFICADOS. Disponível em, <https://www.significados.com.br/iconoclasta/>. Acesso em 23/09/2019).

Figura 3 - No alto: Nossa Senhora da Soledade e São João Evangelista, na centro, Nossa Senhora das Dores, embaixo, Senhor dos Passos e o Cristo Morto, Monte Santo – BA, Século XIX. Autorias desconhecidas.



Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2019.

Figura 4 - Destroços da imagem de Nossa Senhora das Dores, Monte Santo – BA



Fonte: Arte Foto Brasil, 2003.

Figura 5 - Imagem do Senhor dos Passos danificada, Monte Santo – BA.



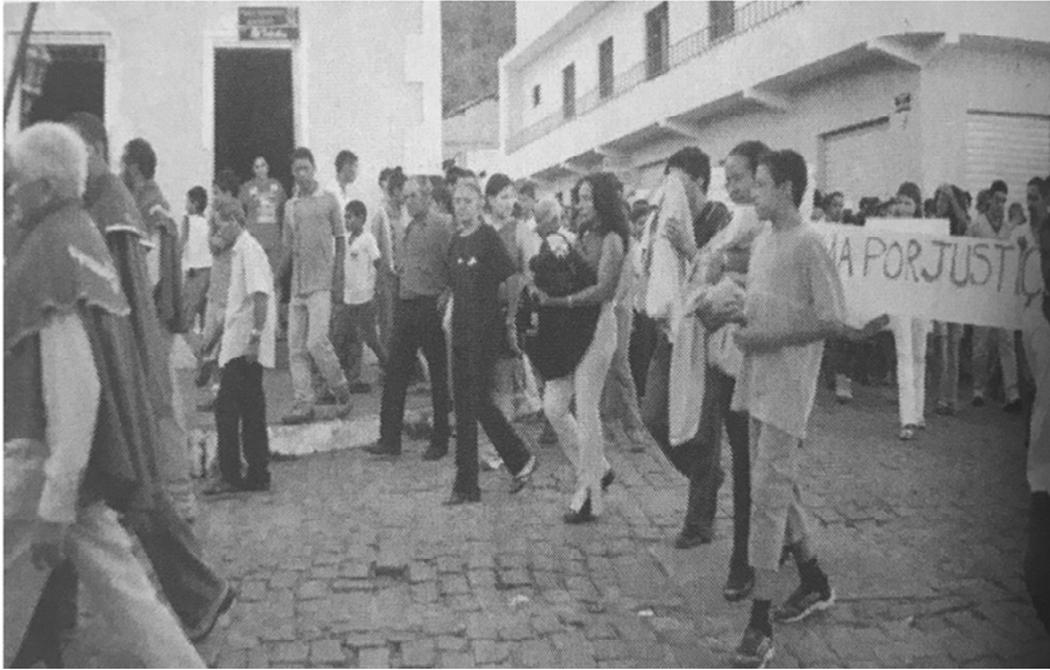
Fonte: Arte Foto Brasil, 2003.

Conforme atesta Venâncio Filho (2016, p. 151), a primeira reação dos católicos de Monte Santo, segundo os jornais, foi atribuir a culpa do vandalismo aos evangélicos. Em 2000, cortaram o cabelo de Nossa Senhora das Dores e defecaram em sua capela, no alto do monte. Ainda segundo o autor, outra hipótese é que as imagens poderiam ter sido destruídas a mando de fazendeiros. Antes do atentado, fazendas do município se envolveram em querelas com alguns camponeses que faziam parte dos movimentos sociais do campo, apoiados pela Comissão da Pastoral da Terra ligada à Igreja Católica.

A montanha sagrada dos monte-santenses é uma espécie de teatro sacro da fé sertaneja. O ritual da Semana Santa atrai fiéis de várias regiões do semiárido para a demonstração piedosa de um catolicismo recheado de sincretismos. O ápice desses ritos ocorre na Sexta-feira da Paixão, quando os romeiros, ainda na madrugada, percorrem todas as capelas que margeiam a montanha, até chegar ao cume, onde está o maior edifício religioso da Via-Sacra: a Capela da Santa Cruz.

A chegada dos religiosos, na estação final, é marcada por uma ação de comoção. Entoando preces, num amontoado exagerado, vão dando voltas em torno do templo (cerca de três voltas cada pessoa) em longa fila interminável, o qual nos faz rememorar alguns ritos muçulmanos em torno da Caaba.

Figura 6 - Procissão/protesto com os destroços das imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores, Monte Santo – BA



Fonte: Arte Foto Brasil, 2003.

Dentro da capela, entre cantos, ex-votos e cheiro de velas queimadas, entoam-se ladainhas e fazem-se pedidos para as imagens que serão conduzidas pela Irmandade do Santíssimo Sacramento até a Igreja Matriz da cidade (imagem de São João Evangelista, Nossa Senhora da Soledade e o Cristo Morto) as duas primeiras esculturas recebem uma túnica branca, do tipo escapulário, ao serem retiradas do altar, e o último, o Cristo Morto, um manto roxo acondicionado em seu esquife. São transportados por membros da irmandade que conduzem o cortejo com a Santa Cruz e o Cristo à frente e o São João e a Soledade logo atrás, que são levados nos braços por integrantes dessa mesma irmandade.

157

O cortejo até a cidade é pontuado por cantos e melodias tristes, acompanhados pelo som da matraca e por um repertório oral de caráter dramático que vai sendo declamado até a última capela (no início da subida da montanha). Nessa etapa, o esquife do Cristo recebe um dossel portátil ou pálio, e o cortejo segue pela cidade até chegar à igreja, onde, no altarmor, as imagens de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos estão à espera do São João apóstolo, da Soledade e do Cristo Morto. Todas elas estarão organizadas e paramentadas, nesse ambiente, compondo a dramaturgia perfeita de “um teatro barroco caboclo”.

Constata-se, nesse *lócus*, que os sertanejos se comovem, choram, tocam e beijam as imagens. Tal composição lembra o que Euclides da Cunha abordou nos seus Sertões. Tal fenômeno tornou-se reconhecido conhecido como o “beija das imagens”. Cunha (2002, p.189, 190).

Instituíra-o o Conselheiro completando no ritual fetichista a transmutação do cristianismo incompreendido. Antônio Beatinho, o altareiro, tomava de um crucifixo; contemplava-o com o olhar diluído de um faquir em êxtase; aconchegava-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe ósculo prolongado; e entregava-o, com gesto amolentado, ao fiel mais próximo, que lhe copiava, sem variantes, a mímica reverente. Depois erguia uma virgem santa, reeditando os mesmos atos; depois o Bom Jesus. E lá vinham, sucessivamente, todos os santos, e registros, e verônicas, e cruzes, vagarosamente, entregues à multidão sequiosa, passando, um a um, por todas as mãos, por todas as bocas e por todos os peitos. Ouviam-se os beijos chirriantes, inúmeros e, num crescendo, extinguiam-se a assonância surda, o vozear indistinto das prédicas balbuciadas a meia voz, dos mea-culpas ansiosamente socados nos peitos arfantes e das primeiras exclamações abafadas, reprimidas ainda, para que se não perturbasse a solenidade. O misticismo de cada um, porém, ia-se a pouco e pouco confundindo na nevrose coletiva. De espaço a espaço a agitação crescia, como se o tumulto invadisse a assembléia adstrito às fórmulas de programa preestabelecido, à medida que passavam as sagradas relíquias. Por fim as últimas saíam, entregues pelo Beato, quando as primeiras alcançavam as derradeiras filas de crentes. E cumulava-se a ebbiez e o estonteamento daquelas almas simples. Desbordavam as emoções isoladas, confundindo-se repentinamente, avolumando-se, presas no contágio irreprimível da mesma febre; e, como se as forças sobrenaturais, que o animismo ingênuo emprestava às imagens, penetrassem afinal as consciências, desequilibrando-as em violentos abalos, salteava a multidão um desvairamento irreprimível. Estrugiam exclamações entre piedosas e coléricas; desatavam-se movimentos impulsivos, de iluminados; estalavam gritos lancinantes de desmaios. Apertando ao peito as imagens babujadas de saliva, mulheres alucinadas tombavam escabujando nas

contorções violentas da histeria, crianças assustadiças desandavam em choros; e, invadido pela mesma aura de loucura, o grupo varonil dos lutadores, dentre o estrépito, e os tinidos, e o estardalhaço das armas entrebatidas, vibrava no mesmo ictus assombroso, em que explodia, desapoderadamente, o misticismo bárbaro...Mas de repente o tumulto cessava. Todos se quedavam ofegantes, olhares presos no extremo da latada junto à porta do Santuário, aberta e enquadrando a figura singular de Antônio Conselheiro. Este abeirava-se de uma mesa pequena. E pregava. [...]

Nesse sentido, as imagens aí reunidas compõem o cenário sagrado da Semana Santa do Monte Santo, e aí ficam até serem reconduzidas para suas capelas, no alto da montanha, após a celebração da festividade da Páscoa. Contudo, no ano de 2019, após a celebração da Paixão, na madrugada do Sábado de Aleluia, com as imagens de vestir todas no altar-mor da igreja, um incêndio devastador consumiu toda parte posterior do templo e boa parte do altar. As imagens que ali estavam foram salvas graças ao empenho dos jovens da comunidade, que arriscando a vida invadiram a igreja em chamas para salvar o conjunto centenário das imagens de vestir.

CONCLUSÃO

Monte Santo nasceu, no século XVIII, com status de santuário sagrado graças ao empenho do Frei Apolônio de Todi, que à época missionava pela província da Bahia e Sergipe. Territórios longínquos cuja travessia de meses separava o sertão da capital baiana.

A mística cidade do semiárido baiano, atualmente com uma população de quase cinquenta e cinco mil habitantes, conforme o censo de 2013, é parte importante da memória histórica e da cultura religiosa do sertão nordestino. Em se tratando da história da arte e da arquitetura, crenças, costumes e tradições em geral, a cidade ocupa um ponto central: transformou-se, desde a sua fundação, numa espécie de “Meca” dos sertanejos.

É para lá que se dirigem os espoliados pelo jugo da opressão imposto pelo latifúndio. Ali, num fervilhar intenso, mal vestidos, dos mais distantes rincões do nordeste do Brasil acorrem à Santa Cruz, às Dores e aos Passos, no afã de curar seus males.

Desde que foi fundado, há mais de duzentos anos, o sacromonte tem chamado a atenção dos fiéis romeiros, cronistas, viajantes, jornalistas, artistas, pesquisadores, fotógrafos, dentre outros; o que possibilitou a sua divulgação entre os sacromontes brasileiros (Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas, o sacromonte do Convento da Penha no Espírito Santo, etc.); sendo que o de Monte Santo é o único com capelas dedicadas às almas, as dores de Nossa Senhora, e aos Passos da Paixão.

REFERÊNCIAS

- CALASANS, José. **Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios**. In: CARTOGRAFIA DE CANUDOS. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.
- CARVALHO, Mário Cezar. **Destruição de imagens revoltam fiéis na Bahia**. FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 14 set. 2003.CAD. Brasil, p. A18.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martim Claret, 2002.
- DANTAS, Paulo. **Capitão Jagunço**. São Paulo: IBRASA, 1987.
- VENÂNCIO FILHO, Raimundo. **O Sagrado e o Profano no Sertão da Bahia: A religiosidade em Monte Santo**. São Paulo: Editora Lura, 2016.
- LYRIO, Alexandre. **Monte Santo: população salva imagens sacras em incêndio de igreja**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/monte-santo-populacao-salva-imagens-sacras-em-incendio-de-igreja/>>, acesso em 10 de maio de 2011.
- PEDREIRA, Pedro Tomás e ROCHA, Rubens. **O Monte Santo de Frei Apolônio**. Bahia, Emtur, 1983. <<https://www.significados.com.br/iconoclasta/>>. Acesso em 23/09/2019)